

mos, depois de expulsos da Terra os Espíritos inferiores; peçamos do Alto forças para continuarmos a nutrir bons sentimentos, na esperança de atingir a perfeição. Essa aspiração não é mero desejo de afastamento do lodoso círculo em que vivemos; reflete, antes, a necessidade, que sente o poeta, de combater todo mal, a fim de que sejamos dignos do estado a que aspiramos e a que devemos aspirar, por nosso próprio benefício: assim se cumprirá a lei do progresso do indivíduo e do meio. O novo estado, mais evolvido, é qual outra aurora, em cujo horizonte deverá brilhar a estrela matutina, abrindo as portas do Divino Abrigo. Daí decorre, outrossim, a responsabilidade de cada um de nós em qualquer posição que ocupemos na sociedade: respondemos não só por nós mesmos, senão também pela coletividade. Pensamentos, palavras e obras são instrumentos por vezes mais vivos e eficazes do que os materiais; devem ser, de conseguinte, postos a serviço da Lei Divina, que é construtiva, antes que do regime da força, que destrói.

— // —

## Soneto XII

6-12-1946

*Estro frágil, sem louros, jamais tente  
Engrandecer, em míseros cantares,  
Os imensos impérios estelares  
Do Teu Reino de Luz Resplandecente.*

*Louvem-Te a glória exelsa eternamente  
Andrómeda, Altair, Sírius e Antares,  
Paraísos suspensos, almos lares,  
Que balançam na abóbada luzente!*

*Quem dirá dos mistérios que proclamas  
Em turbilhões de sóis, uno e disperso,  
Dos Teus castelos de sagradas chamas?*

*Emudeçam as notas de meu verso!  
Glorifique-Te o amor com que nos amas,  
Nas mais remotas plagas do Universo!*

O poeta encerra este curso com um grandioso hino de louvor a Deus. Jamais serão os poemas humanos dignos de cantar a glória do Criador: só as estrelas podem celebrar a obra do Onipotente. Pequeno é tudo diante da Majestade Divina; e o verso deve emudecer. A glorificação única ao Ente Supremo seja o Amor que Ele nos consagra, pois nem mesmo o nosso amor ao Pai

Lhe cantará a grandeza, que abrange o infinito do  
Espaço e a eternidade do Tempo.

\*  
\*  
\*

Leitor, meu irmão.

Encerremos este magistral breviário como convém:  
de joelhos, em prece cordial. Acompanhemos o poeta  
na sua rogativa a Maria, assunta aos céus:

".....

*Tu, doce chama, angélica ternura,  
Que o Criador envia à criatura,  
O' dâdiva celeste, ó dom do Imenso,  
Com que aterrados Satanás infenso,  
Com que a tormenta das paixões se acalma,*

*Que os tesouros sem fim do eterno erário  
Resumidos contêns nas graças tuas;  
Que outros sóis, outros astros, outras luas  
Invisíveis a nós, lá vés, lá pisas  
No almo, nitido céu, tu divinizas  
Meus versos, dedicados até agora  
A vãos prestígios, que a fraqueza adora.  
Ah! dos teus olhos um volver piedoso  
Desarme, ó Virgem bela, o justiçoso  
Ente imortal, que os improbos fulmina;  
Apaga o raio, que na mão divina  
A prumo sobre a fronte me chameja:  
A quem te invoca teu favor proteja.*

"....."

E Maria o acolheu.

— 52 —

## GLOSSÁRIO

*Altair* — Estrela de primeira grandeza (constelação da Águia).

*Amor* — Nos sonetos desta série bocageana deve entender-se como o deus Amor, isto é, Cupido.

*Andrômeda* — Constelação próxima às de Pégaso e de Cassiopeia.

*Antares* — Estrela de primeira grandeza (constelação do Escorpião).

*Arrabil* — Antiga rabeca, usada pelos Árabes e na Idade-Média.

*Avena* — Flauta pastoril; estilo pastoril, humilde, sínsgelo.

*Averno* — Lago próximo de Nápoles, cratera de antigo vulcão. Os poetas consideravam-no como entrada dos infernos.

*Bagata* — Feitiço, bruxaria.

*Belegáim* — Esbirro; designação depreciativa dos oficiais de diligências, agentes policiais, etc.

*Camenas* — As Musas. As Musas eram nove, filhas de Júpiter e de Mnemosina, e presidiam às artes liberais, entre as quais a poesia em seus gêneros lírico, heróico e anacreôntico: Polímnia, Calíope e Erato, respectivamente. Euterpe era a da música.

*Capitólio* — Fortaleza sobre a rocha Tarpeia, onde estava o templo de Júpiter.

*Citereia* — Vênus.

*Dante (Alighieri)* — Célebre poeta italiano (1265-1321), autor da "Divina Comédia".

*Elmano* — Pseudônimo de Bocage, na Nova Arcádia.

— 53 —